

EXPERIÊNCIAS FEMININAS DA TRAVESSIA: NARRATIVAS, LUGARES E MUNDO

DOUGLAS BEIRO (UNESP).

Resumo

Tendo como pressuposto que o narrar é “a faculdade de intercambiar experiências” – e intercâmbio não se faz no isolamento, se necessita de duas ou mais pessoas para se efetivar esse intento – buscamos refletir sobre a construção de narrativas que remetem a locomoção através do espaço: experiência feminina da travessia. Quem constrói uma narrativa, reinventa o mundo e reinventa si mesmo a partir de sua experiência e das experiências de outros – distantes no tempo e no espaço, ou mesmo contemporâneos e, desses, aqueles que estão participando do momento da construção do que está sendo narrado –, em outras palavras, falam de personagens, acontecimentos e lugares. Esses alinhavados, tecidos em conversas que remetem ao espaço da itinerância, disparam memórias da experiência individual que entrelaçam com experiências da memória coletiva. Falas entrelaçadas compõem outras falas, outras representações, outras narrativas sobre um período histórico específico. “Pequenas misérias” em relação as grandes misérias do mundo. Não somente misérias, mas também riquezas, astúcias, mergulhos em tempos e espaços que, quando experienciados, eram desconhecidos. Muito mais que misérias, são tesouros que se constroem com palavras compartilhadas, “leituras do mundo”. O mundo, dimensão espacial, temporal, representativa, é um constructo coletivo de inúmeros significados, cujas dimensões jamais se excluem, compõem um objeto em permanente processo de ressignificação talvez a espera, sempre incompleto, “em trânsito”, dos “que vão chegar” (Quem sabe se essa não seja a metáfora do sustentável?).

Palavras-chave:

representação, memória, geografias.

"Vara a escuridão, vai onde a noite esconde a luz"

(Toquinho e Mutinho, 1996)

Tendo como pressuposto que o narrar é “a faculdade de intercambiar experiências” (BENJAMIN, 1994: 198) - e intercâmbio não se faz no isolamento, se necessita de duas ou mais pessoas para se efetivar esse intento - buscamos refletir sobre a construção de narrativas de mulheres idosas que remetem a locomoção através do espaço geográfico brasileiro, especificamente, parte das regiões sul e sudeste. O que chamamos de **experiência feminina da travessia**, são fragmentos das narrativas construídas para compor nossa pesquisa em fase final de elaboração que versa sobre representações de mulheres sobre a migração interna brasileira (1). No objetivo enunciado podemos destacar, primeiramente, duas idéias para as nossas reflexões “*vagabundas*” (2): experiência e travessia.

Experiências, travessias e lugares

No intuito deste escrito, a idéia de "experiência" tem um significado importante. Como sendo "o que **nos** passa, o que **nos** acontece, o que **nos** toca" (BONDÍA, 2002: 21), não é o que simplesmente passa, acontece, ou toca. Experiência é, dessa forma, o que marca profundamente.

As experiências aqui tratadas são de mulheres que experienciaram a migração interna brasileira durante o que denominamos de "virada da urbanização", período que abarca as décadas de 1950, 60 e 70, principalmente, onde a população passa de maioria rural para maioria urbana. É também considerado de "revolução urbana" (cf. SANTOS, 2005) este curto espaço de tempo onde as proporções se invertem, trazendo todos os efeitos de um processo de urbanização não planejada, produzindo marcas na paisagem e nas pessoas.

As mulheres que se dispuseram a colaborar com as suas narrativas de memória trazem consigo toda essas transformações do espaço objetivo, contribuindo com a especificidade de suas representações sobre esse processo espacial com impactos na sociedade maior. Mulheres que empreenderam a *travessia* migrante por espaços de expansão de fronteiras agrícolas e que na velhice se fixam em cidade de médio porte do interior do Estado de São Paulo. Uma urbanização experienciada e uma "urbanização do território" que se efetiva (cf. SANTOS, 2005). É o entrelaçar entre aspectos individual e coletivo, em outras palavras, entre fatores subjetivos e objetivos.

Na construção compartilhada da narrativa, quem a constrói, reinventa o mundo e reinventa si mesmo. Amado (1995: 135) já escreveu sobre as "invenções" presentes na narrativa de memória e as suas potencialidades, pois essas invenções permitem: "*compreender os diversos significados que indivíduos e grupos sociais conferem às experiências que têm*". A experiência é aspecto fundamental do narrado, negligenciá-la é revelar-se ingênuo:

Ignorá-la, como querem as concepções tradicionais da história, relegando a plano secundário as relações entre memória e vivência, entre tempos, entre indivíduos e grupos sociais e entre culturas, é o mesmo que reduzir a história a uma sucessão de eventos dispostos no tempo, seccionando-a em unidades estanques e externas (AMADO, 1995: 135).

A partir da experiência do narrador e das experiências de outros sujeitos - distantes no tempo e no espaço, ou mesmo contemporâneos e, destes, aqueles que estão participando do momento da construção do narrado - as narrativas trazem em sua substância personagens, acontecimentos e lugares (POLLAK, 1989; 1992).

Esses alinhavados, tecidos em conversas que remetem ao espaço da itinerância, disparam memórias da experiência individual que entrelaçam com experiências da memória coletiva. Falas entrelaçadas compõem outras falas, outras representações, outras narrativas sobre um período histórico específico. "*Pequenas misérias*" em relação as grandes misérias do mundo (BOURDIEU, 2003: 13).

Espaço da experiência por excelência, os "lugares" trazem consigo o potencial do enraizamento entre pessoas e espaço geográfico (cf WEIL, 1979: 347). No caso da experiência migrante os lugares podem ter significados múltiplos e contraditórios. São espaços que vão se estabelecendo com o desenrolar biográfico narrativo. Há

"lugares/pausa" e "lugares/movimento" (cf. LIMA, 1996), onde os primeiros se estabelecem como pontos referenciais para o sujeito com experiência migrante. Geralmente, esses espaços estão associados ao seio familiar e/ou grupo social no qual se faça parte; já a segunda categoria, é a própria travessia migrante, com todas as suas cargas de incertezas, um "espaço de busca", primeiramente, "idealizado, glamourizado e depois assustadoramente sofrido, mas de qualquer modo um espaço de experiência direta" (RESENDE, 1986: 133).

Dardel (1952: 56) fala do lugar como ponto de partida da experiência geográfica onde as bases da existência e condição humana se estabelecem. "*Nós podemos trocar de lugares, mudar, mas isso é ainda a procura de um lugar; precisamos de uma base para estabelecer nossa Existência e realizar nossas possibilidades, um aqui a partir do qual descobrir o mundo, um acolá para o qual ir*" (grifo do autor).

No outro pólo das escalas espaço-geográficas temos o "mundo" como a *casa* (do latim, *oikos*) da humanidade. De certa forma, a idéia de lugar só existe em relação às outras escalas espaciais no qual se permite a comparação. Nesse entender, a partir da relação com o lugar que os sujeitos podem estabelecer relações (e, quem sabe, chegar ao sentimento) de pertencimento espacial e social dentro de uma escala maior - da escala local para a global-mundo. De estar **no** e **com** mundo e com os outros, como escreveu Paulo Freire (1997: 64). Fazendo assim do mundo também lugar, o lugar de toda a humanidade.

Lugares em fragmentos narrativos

Trazemos para os nossos apontamentos fragmentos de narrativas das mulheres colaboradoras. Os lugares nas narrativas de memórias foram despertados a partir de fatos familiares. *Listar* os lugares de moradia, por exemplo, não era fazer uma lista qualquer, foi uma forma de organizar a memória e, ao mesmo tempo, despertar os acontecimentos e seus personagens. Nos trechos abaixo, conforme sugere Menezes (1992: 170), procuramos manter os estilos, as expressões características e os vícios da linguagem falada, estando mais próximo das relações informais estabelecidas nas construções dos relatos:

"Cambé, Rolandia, Maringá, Uniflor - a cidade em que me casei -, Nova Esperança, depois fui viver em Formosa do Oeste"

"A cidade nossa mais perto lá, mais perto de onde nós morávamos, Pratinha, era Ouro Verde, Filadélfia [Antigo nome da atual Teófilo Ontoni (MG)] e Frei Gaspar. E tem Ataléia que essa eu não conheço"

"eu fui para Lucélia (SP), lá que eu casei (...). Porque naquele tempo, lá em Osvaldo Cruz, era terra nova, terra melhor para plantação"

Memória despertada, outras lembranças vão surgindo:

"nós fomos para Irapurú, eu com meu marido, lá eu tive meu primeiro filho (...). Já tinha o mais velho e uma filha com seis meses, nós fomos pra São Paulo. Aí, ficamos em São Paulo 22 anos (...). Depois meu marido aposentou, nós viemos pra Mogi Mirim. Olha quanta mudança (...). Depois viemos pra Rio Claro... Por que já tinha os filhos que estudaram, eles se formaram para técnico. Daí, eles quiseram que nós viéssemos para cá também com eles"

Acontecimento de relevância pessoal, o casamento, faz surgir outros fatos marcantes que envolvem a memória familiar com o contexto de povoamento dos Estados do Paraná e São Paulo:

"Nós compramos um mato e entramos no meio das onças e fomos derrubar mato (...). Era na cidade de Uniflor, onde derrubemos mato. Aí, nós fomos para Maringá colher café. De Maringá nós fomos para Guaíra, lá meu avô tinha sítio (...). Depois de Guaíra... não lembro o nome daquela fazenda, uma fazenda tão bonita, dos italianos. Era pertinho de Maringá. Era uma fazenda grande onde nós moremos uns três anos (...). De lá, nós mudamos para fazenda 'Raminho' [Rami], perto de Foz do Iguaçu (...). Aí, nós íamos para o Mato Grosso. Quando nós fomos em 'Martelândia' [Matelândia] para comprar passagem, nós vimos um caso muito triste em 'Martelândia', então, nós não compramos. Aí compramos para Rio Claro [SP]. Não conhecia ninguém em Rio Claro, nós viemos estranhos"

"Lá no interior, quando eu morava lá, fui aprender a aplicar injeção, então, já lidava com pessoas assim, morava no sítio, longe da cidade, fazia já isso"

"em São Paulo também trabalhei bastante, lá nas favelas, nesses lugares e aqui eu continuo"

Há o entrelaçamento de memórias, a individual com a coletiva. Os acontecimentos são desencadeados a partir das lembranças pessoais, que descortinam a construção de espaços de ocupação *"recente"*, caso do Norte e Oeste do Paraná e Oeste de São Paulo, e, até mesmo, fornecer *novos usos* para as ocupações *antigas*, como no Nordeste de Minas Gerais:

"Eu fui para Pratinha, Minas Gerais (...) era como um lugar novo, lugar de mata, como ele [o pai] interessou para vir derrubar mata para fazer lavoura, então foi onde nós viemos (...). Olha, plantava de tudo. De primeiro, meu pai derrubou mata, quando na terra dos outros, derrubou mata, plantou café, plantou cana,

mandioca, tudo, tudo que falasse, que ele conhecia, ele plantou... Café foi a primeira. Café foi a primeira lavoura. Tirando feijão, arroz e milho, foi a primeira lavoura que ele plantou foi café"

O lugar do casamento ou a mudança dos pais, ou seja, de acontecimentos familiares fazem lembrar outros "temas": a derrubada de mata para disponibilizar novas terras para a agricultura em expansão no contexto agrícola do país; a presença do trabalho volante nas grandes culturas agrícolas; uma outra cultura presente, junto ao café, o *rami*; as *etnias* no povoamento e seus papéis nesse processo (caso dos *italianos* que eram donos da fazenda); a violência do "*caso muito triste*" que faz com que tenham a decisão da mudança para Rio Claro; o abandono que se encontravam as famílias nas *fronteiras agrícolas*; e o trabalho assistencial nas periferias dos centros urbanos.

Uma lembrança triste, mas não revelada no momento da produção do depoimento fornecem lacunas, interrupções, 'quase' trazendo a tona fatos que não estavam no enredo até então. Seriam experiências em "*lugares de morte e vida*"? (4)

"Mas esqueci... eu vim passear em Ribeirão Preto"

"Porque lá... depois que... que meu marido morreu em Minas, depois que eu fui para o Paraná, casei de novo"

Benjamin (1994: 208) já havia alertado que é da morte que deriva a autoridade do narrador. Não é a toa que são as pessoas velhas que trazem consigo uma bagagem de histórias a serem compartilhadas com quem se dispõem a ouvi-las.

Considerações finais

Se: "*O olho vê, a lembrança revê, e a imaginação transvê. É preciso transver o mundo*" (BARROS, 2000: 75), a imaginação geográfica como "acervo" nas e das pessoas, como tesouro subjetivo, pode ser entendida como potencialidade, possibilidade para um mundo mais criativo e solidário. Além de ser um acervo que não está adstrito a pessoa, e sim dessa dentro de seu contexto-mundo, ou seja, pertencente ao tempo, ao espaço e a representação de sua contemporaneidade. Em outras palavras, de uma imaginação coletiva, compartilhada.

Não somente *misérias* - contrapondo a imagem de Bourdieu (2003) -, mas também riquezas, astúcias, mergulhos em tempos e espaços que, quando experienciados, eram desconhecidos. Muito mais que *misérias*, são, sim, tesouros que se constroem com palavras compartilhadas, "*leituras do mundo*" (FREIRE, 1990). O mundo como resultado do agir humano sobre seu suporte espacial (cf. FREIRE, 1997: 56-7),

sendo, portanto, dimensão espacial, temporal, representativa, é um *constructo* coletivo de inúmeros significados, cujas dimensões jamais se excluem, compõem um objeto em permanente processo de ressignificação talvez *a espera*, sempre incompleto, *"em trânsito"* (FREIRE, 1979), dos *"que vão chegar"* (TOQUINHO, 1996) (Quem sabe se essa não seja a metáfora do *sustentável?*) (5).

Notas:

1 - A pesquisa em nível mestrado vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia, do Instituto de Geociências e Ciências Exatas (IGCE) da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (UNESP), Campus de Rio Claro. Durante o desenvolvimento deste estudo as mulheres que colaboram conosco estavam com idade entre 67 e 80 anos, fixaram residência na cidade de Rio Claro (SP), município com população de 185.421 habitantes (conforme estimativa do IBGE para 2007).

2 - Aqui *"vagabundo"* não tem nada de pejorativo. Apoiamos-nos em alguns escritos de Jack Kerouac que nos traz outras possibilidades para esta idéia, onde destacamos a liberdade e a espontaneidade que acompanham, de certa forma, aqueles que este autor considera como vagabundos (ver KEROUAC, 2004; 2006).

3 - Todas cidades do estado do Paraná.

4 - Martins (1981) faz referência à tensão explícita nos espaços de expansão agrícola, em destaque, o norte do Paraná e nordeste de Minas Gerais, espaços de experiência de nossas depoentes.

5 - A partir da idéia de desenvolvimento sustentável, como sendo "aquele que atende às necessidades do presente sem comprometer a possibilidade de as gerações futuras atenderem a suas próprias necessidades" (Relatório Brundtland *apud* MATOSINHO, 2000: 20).

Referência bibliográfica

AMADO, Janaína. O grande mentiroso: tradição, veracidade e imaginação em história oral. **História**, São Paulo, 14, 1995, p. 125-136.

BARROS, Manoel de. As lições de R.Q. In: **Livro Sobre Nada**. Rio de Janeiro: Record, 2000.

BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: **Magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, nº 19, Jan/Fev/Mar/Abr, 2002, p. 20-28.

BOURDIEU, Pierre. **A Miséria do mundo**. Petrópolis (RJ): Vozes, 2003.

DARDEL, Eric. **L'Homme et la Terre: Nature de la Réalité Géographique**. Paris: PUF, 1952.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática de liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Cortez, 1990.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

KEROUAC, Jack. **Os vagabundos iluminados**. Porto Alegre (RS): L&PM, 2004.

KEROUAC, Jack. **Viajante Solitário**. Porto Alegre (RS): L&PM, 2006.

LIMA, Solange T. de. **Paisagens & ciganos**. Tese (Doutorado em Geografia). Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro (SP), 1996.

MARTINS, José de Souza. . **Os camponeses e a política no Brasil**. Petrópolis (RJ): Vozes, 1981.

MATOSINHO, Martha. **A educação para conservação do ambiente na Área de Proteção Ambiental da região de Sousa e Joaquim Egídio, Campinas, SP.** Dissertação (Mestrado). Instituto de Geociências, Universidade Estadual de Campinas, Campinas (SP), 2000.

MENEZES, Marilda Aparecida (Org.). **Histórias de migrantes.** São Paulo: Edições Loyola, 1992.

POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 2, nº 3, 1989, p. 3-15.

POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 5, nº 10, 1992, p. 200-212.

RESENDE, Márcia S. **A geografia do aluno trabalhador:** caminhos para uma prática de ensino. São Paulo: Edições Loyola, 1986.

SANTOS, Milton. **A urbanização brasileira.** São Paulo: Hucitec, 2005.

TOQUINHO & MUTINHO. Ao que vai chegar. In: TOQUINHO. **Toquinho e suas 30 canções preferidas.** Paradoxx Music, 1996. CD 1. Faixa 13.

WEIL, Simone. **A condição operária** e outros estudos sobre a opressão. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.